

**Teresina song**  
*de Francisco Ohana*

PERSONAGENS

<b>Nildo</b> , caseiro	<b>Rosa Costa</b> , jornalista
<b>Poleto</b> , inquilino	<b>Wlicio</b> , advogado
<b>João Gustavo</b> , corretor	<b>Uma jornalista frustrada</b>
<b>Um especialista em Maquiavel</b>	<b>Senadores da CPI</b>
<b>Um policial federal</b>	<b>Delegado Damázio</b>
<b>Alencastro</b> , assessor parlamentar da oposição	<b>Eurípedes</b> , pai de Francenildo
<b>Um senador da oposição</b>	<b>Um repórter</b>
	<b>Um músico</b>

*Os atores entram em cena como se estivessem chegando para uma festa. O clima é de euforia. No palco, um quadro negro, uma tela e um microfone de karaokê. Alguém escreve, Você está indignado? E completa, Com a presença do caseiro Francenildo Costa. A música de karaokê atravessa toda a peça, e o microfone será usado algumas vezes, pelos atores, para cantar. Estes, do instante inicial em diante, permanecem em cena continuamente.*

**PRÓLOGO**

**Nildo** Digitei uma vez. Errei. Digitei outra. Errei de novo. Na terceira tentativa, o terminal engoliu meu cartão. Entrei na agência e expliquei pra eles o que tinha acontecido. O funcionário me indicou uma fila. Entrei nela, esperei, mostrei meus documentos. Provei quem eu era. Então me encaminharam pra um guichê. Esperei sentado e finalmente recebi um cartão novo. Consultei meu saldo, mil e poucos reais, e fui embora. Demorei quase três horas pra conseguir ver a minha conta. Mas eles, quando quiseram, conseguiram na mesma hora. Eu nunca mais tinha voltado ao banco depois do que aconteceu. Peguei um desgosto deles e fiquei muito tempo sem ir lá. Nesse um ano e meio desde a entrevista, minha vida mudou bastante. O dinheiro acabou. Eu comprei um lote pra minha mãe em Teresina e gastei o resto. Gastei pra me esconder, gastei pra fugir e pra me manter depois que perdi o emprego. De vez em

quando alguém me reconhece na rua. Há dois meses, eu e o Wlicio saímos pra almoçar. Na saída, fui ao banheiro e aconteceu uma coisa que me deixou meio sem graça. Um senhor me reconheceu no espelho e falou, “Você não é o caseiro que derrubou o ministro?” Na hora, não sei, não consegui rir. Eu queria mesmo é que algum dia alguém dissesse assim pra mim, “Você não é o caseiro que quebraram o sigilo, que expuseram a vida e que nunca mais conseguiu falar com o pai?” (*Festa.*) O problema é a tal cláusula. Se eu aceitar esse acordo, vou ter que assinar um documento que livra eles de qualquer culpa. Na prática, vou declarar publicamente que meu sigilo não foi quebrado. Mas eu quero conhecer a justiça. Depois que ela trabalhar, então eu posso aceitar 35 mil reais. Eu esperei até hoje, posso esperar mais um pouco. Eu quero que eles cometam um crime. Aí, sim. E quando sair a indenização, nem precisa dar o número da conta. Eles já têm. (*Festa.*) Bom, eu sou um caseiro, o homem lá é um ministro. Então vai ser a minha palavra contra a dele. Eu não tenho nada. Tenho 24 anos, quatro bermudas, três calças jeans, cinco camisetas, três camisas, cinco cuecas, três pares de meia, dois tênis, um sapato. O ministro jurou que não foi na casa. Se eu tivesse esse celular aqui na época, tinha tirado fotografia. Esse é meu único arrependimento. Se eu tivesse um celular, tinha tirado uma foto. É tudo o que eu tenho pra dizer. Eu sou o Francenildo dos Santos Costa. (*Festa.*)

## PRIMEIRO ATO

### Cena 1 – A casa

**Poleto** Você traz o carro pra gente, Chagas? Gustavo, obrigado. Eu entro em contato contigo.

**João Gustavo** Tem certeza? Não quer dar uma olhada no jardim? Tem quadra de tênis, campinho de futebol, piscina. Fica à vontade, pode olhar a churrasqueira, e tudo com acesso direto aqui pela sala.

**Poleto** Não, Gustavo, obrigado. Quer dizer. (*Pausa.*) Tá certo. Tá certo. Tudo bem, vamos fechar agora.

**João Gustavo** Poleta, tem outro ponto. A casa fica no final da rua, uma rua sem saída, com guarita 24 horas. Você viu. Tem essa questão da segurança, os telhados do segundo andar estão todos, todos com câmera. E mais os dois portões automáticos, um na frente e outro atrás. Você conhece Brasília?

**Poleto** Quem toma conta da casa?

**João Gustavo** Bom, nós temos um time de funcionários. O Francenildo e a Noelma, eles moram aqui mesmo, numa casinha ali nos fundos do terreno. O Nildo é um grande amigo meu, viu. Nildo, dá uma chegadinha aqui.

**Poleto** Muito prazer, Nildo. Olha só, agora você vai ganhar 700 reais. E tua mulher também. Você e a Noelma vão ganhar 700 reais. Vocês dois, tudo bem?

**Nildo** Claro. É o senhor que tá pagando.

**Poleto** Com muito prazer, Nildo, é meu prazer mesmo. Mas, olha, é o seguinte: a partir de hoje a gente vai ter de seguir algumas regras.

**Nildo** Pode falar, seu Poleto.

**Poleto** O que acontecer aqui, você não vai contar pra ninguém. Principalmente pro dono da casa. Ok?

**Nildo** *(para a plateia)* Fiquei alegre, né, concordei, claro. Era ele que tava me pagando. No dia da mudança, um caminhão grande encostou e foi descarregando cama. Só tinha cama e mais um sofá, geladeira, televisão e um aparelho de som. A mulher até comentou, “Oxe, só tem cama?” Depois compraram uma mesa de sinuca. A casa ficava vazia quase a semana toda, menos quando tinha festa. Aí era a noite toda. O Chagas trazia as convidadas e eu preparava a carne, acendia a churrasqueira e botava a cerveja pra gelar. Aos poucos, fui conhecendo o pessoal, todo mundo de Ribeirão Preto.

**Poleto** Senta aqui, Nildo, come uma carninha, toma uma cervejinha com a gente.

**Nildo** Que isso, seu Poleto. Precisa não.

**Poleto** Senta aí, rapaz. Vai, fala pra mim: o que que você tá achando do pessoal?

**Nildo** O pessoal é gente boa demais, seu Poleto. Todo mundo muito simpático.

**Poleto** Que bom, meu filho. Que bom. A gente tá muito feliz também, viu? O pessoal tá satisfeito, gostou da casa. Atende bem às necessidades, é afastada. Eu fiz uma boa escolha, né?

**Nildo** Foi sim, com certeza.

**Poleto** Mas vem cá, me diz uma coisa: os vizinhos, aqui, você conhece?

**Nildo** Aqui tá tudo pra alugar, seu Poleto, tudo vazio por enquanto. Só tem aquela casa ali do lado, de uma jornalista.

**Poleto** Porra. Jornalista? Te cuida, hein, Francenildo? Escuta, o chefe quer conhecer a casa. Amanhã. Providencia aí um salaminho, o Red Bull, um vinho. Arruma também a mesa da cozinha, deixa uns salgadinhos, um Doritos, uns guardanapos. E mais umas taças, tá bom? Duas taças, duas taças tá bom. Não vai ter churrasqueira dessa vez, vai ser discreto.

**Nildo** Deixa comigo.

**Poleto** E você, Nildo, dessa vez você não sai de casa, tá?

**Nildo** *(para a plateia)* No outro dia, umas oito da noite, eu ouvi o barulho do portão. O sensor de luz acendeu e o carro estacionou. Apaguei a luz do meu quarto e eu e a Noelma levantamos a cabeça assim, só um pouquinho, deixamos só os olhos de fora. A porta do carro abriu. E aí eu falei pra Noelma, “Aquele ali é o ministro da Fazenda.” Isso foi em março. No fim do ano, o Poleto me ligou dizendo que queria acertar as contas, que eles iam desocupar a casa. Nessa coisa de dinheiro eles nunca me deixaram pra trás.

## **Cena 2 – A televisão**

*É projetado na tela o depoimento do ministro da Fazenda à CPI dos Bingos.*

## **Cena 3 – O pai**

**O Especialista** *fala um trecho de O Príncipe, de Maquiavel, para a plateia.*

**Nildo** *(para a plateia)* Quando eu tinha dez anos, eu fiquei doente. Eu não tinha dinheiro pra comprar remédio, e pedi pra um amigo me levar até o homem que diziam que era meu pai. Entrei na garagem da empresa e expliquei pra ele o que eu tava fazendo ali. Ele me ouviu, me ouviu, mas disse que não era meu pai. Eu insisti, e ele me deu 80 reais. E então ele disse, “Some daqui.” Eu dei sorte. Tive um bom padrasto. Ele nunca bateu em mim, eu tinha consideração por ele. Ele me ajudou a sair daquele lugar velho, daquela vida velha que eu tinha.

## **Cena 4 – Raimundo**

*Toca a campainha.*

**Nildo** *(desconfiado)* Pois não.

**Policial federal** Bom dia. Por gentileza, qual é o seu nome?

**Nildo** É Raimundo.

**Policial federal** Raimundo, você conhece o caseiro que trabalhava aqui na época do Poletto?

**Nildo** Não. Não conheço, não.

**Policial federal** Raimundo, você pode vir até o portão, por gentileza? Nós somos da Polícia Federal, viemos aqui a serviço do Congresso Nacional e gostaríamos de ver a sua identidade.

**Nildo** Eu sou diarista, doutor. Não ando com documento.

**Policial federal** *(após uma pausa)* Ok, Raimundo, obrigado. Qualquer coisa, entre em contato. Tenha um bom dia.

**Nildo** *(após uma pausa, telefona para João Gustavo)* Gustavo, eu preciso que você me ajude.

**João Gustavo** Eu tô com um cliente, Nildo, já já te retorno.

**Nildo** Gustavo, preciso da sua ajuda pra encarar os homens.

**João Gustavo** Nildo, olha só, me dá 20 minutos, que eu te ligo daqui a pouco.

**Nildo** A Polícia Federal veio aqui, Gustavo. Eles disseram que estavam a serviço do Congresso.

**João Gustavo** Do Congresso? *(Pausa.)* Nildo, me dá uma hora. Nildo, me escuta: dá pra ganhar um dinheirinho bom com essa história, uns 30 mil reais, quem sabe? Pra você comprar uma casinha. Me dá uma hora. Vou passar aí pra te pegar. Não, melhor. Me encontra no Gilberto, a gente se encontra direto lá.

**Nildo** Onde? Em frente à agência?

**João Gustavo** Isso. Quer dizer, não. Me encontra em frente à padaria Lago Sul. *(Pausa. Telefona para Alencastro, assessor de um senador da oposição.)* Alê, tudo bem?

*Alguém canta no karaokê.*

## **Cena 5 – A entrevista**

**Alencastro** Então você é o famoso caseiro?

**Nildo** Sou.

**Alencastro** Francenildo, é isso? Francenildo, e o que foi que você viu na casa?

**Nildo** Eu vi o ministro da Fazenda.

**Alencastro** *(após uma pausa)* Rapaz, sabe quem você é? Você é o homem mais importante do mundo. Você vai virar uma celebridade, vai derrubar o homem mais poderoso depois do presidente. É o seguinte, troca essa bermuda, vamos tirar esse boné. Eu te levo em casa pra você colocar uma calça e a gente vai até o Congresso.

*Francenildo troca de roupa em cena. Na tela, projeta-se sua conversa com Alencastro, que descreve os itens de seu jipe Mitsubishi. Eles chegam ao Senado.*

**Senador** E então, rapaz: você é o caseiro da mansão lá?

**Nildo** Sou.

**Senador** Você vai ficar muito famoso, rapaz. Quer dar a entrevista?

**Nildo** Estou precisando de ajuda, preferia não falar com a imprensa. Não dá pra falar sem ser com eles?

**Senador** Não. Não te protege. Vou arranjar um jornalista de confiança.

*O senador e seus assessores começaram a discutir qual jornalista chamar, quem seria ou não confiável, enquanto Francenildo assiste em silêncio.*

**Senador** A Rosinha! A Rosinha cobriu a CPI do Banestado! *(Telefona para Rosa Costa.)* Ô, Rosinha, querida, como é que você está? Vem aqui que eu tenho uma coisa boa pra você, eu tenho uma matéria pra você soltar.

**Rosa** *(escovando os dentes)* Senador, você poderia me adiantar o assunto?

**Senador** Ô, Rosinha, você sabe que não é assim que funciona. Mas vem aqui que é uma bomba.

*Pausa. Rosa Costa chega.*

**Rosa** Olá, senador.

**Senador** Oi, Rosinha.

**Todos** Oi, Rosinha.

**Rosa** Nildo, tudo bem? Você quer falar? Quer fazer a matéria?

*Nildo olha para Alencastro, que assente. Vira-se então para a jornalista e assente também. Ela se prepara, mas ele a interrompe.*

**Nildo** Dona Rosa, estou com uma fome danada. E você sabe como é pobre: depois que passa a hora de comer, não come mais nada.

**Rosa** Você quer ir pra um hotel, Nildo? O jornal se dispõe a pagar sua hospedagem até a matéria sair.

**Senador** Alê, providencia um lanche no Giraffas aqui pro rapaz.

**Nildo** Dona Rosa, vocês não estão preocupados comigo, não, né? Estão é com medo de eu dar a mesma entrevista em outra imprensa, não é? *(Pausa.)* Não quero ir pro hotel, não, senhora. Muito obrigado. Eu vou passar o fim de semana na chácara.

**Rosa** Bom, tudo bem. Então vamos lá. Podemos começar?



**Nildo** Podemos.

**Rosa** Quantas vezes o ministro da Fazenda esteve na casa?

### **Cena 6 – A televisão (2)**

*Enquanto Francenildo trabalha, equipes de imprensa encostam escadas na fachada dos vizinhos e sobem no telhado para filmá-lo e fotografá-lo. Música de karaokê.*

**Nildo** *(para a plateia)* Eles não iam me deixar em paz. Quem estava sendo acusado podia vir me pegar. Eu fui até o Gilberto Salomão pra pegar um ônibus, mas, quando a condução chegou, eu decidi não entrar. Fiquei perambulando pelo Gilberto, olhando o movimento. Eu solto, no Gilberto, sem noção nenhuma, e todo mundo me procurando. A única coisa que me passava pela cabeça era que iam me chamar na CPI e eu tinha que achar uma roupa boa pra ir. Eu via todo mundo depondo de terno. Pensei no vexame, em alguém dizer, “Dá um terno aí pro rapaz.” Eles disseram que iam me ajudar, e agora isso. Liguei pro João Gustavo. Ele tava com um cliente. Disse pra eu esperar na mesma padaria de antes, que ele já ia chegar pra me buscar. Comprei uma quentinha e comi no estacionamento, pra esperar. Ele chegou quase de noite.

**João Gustavo** Estou tentando ligar pra um primo meu que é advogado. Ele vai pegar o teu caso e não vai cobrar nada.

## **SEGUNDO ATO**

### **Cena 7 – O advogado**

*Wlício dança um rock que toca no karaokê. Canta, bate cabeça e finge tocar guitarra. Ele vai parando aos poucos e, cansado, se dirige ao público.*

**Wlício** *(para a plateia)* Meu pai, Analício, gostava muito da letra W. Então ele me batizou juntando o W ao final do nome dele. E eu tenho penado a vida inteira com esse nome, “Ulício”. Eu faço um pouco de tudo, gosto de negócios. Fundei a Câmara de Comércio Brasil-Congo, a CINBRACONGO, da qual sou presidente, por causa de uma

venda, uma negociação de 500 mil coturnos pro Exército congolês. Não deu certo. No meu segundo dia em Kinshasa, fui detido porque estava tirando foto numa área militar, na beira do rio Congo. Os soldados vieram, me cercaram e pediram 200 dólares cada um. Enrolei um francês macarrônico com eles e consegui comprar o batalhão inteiro por 50 dólares. *(O celular toca.)* Um minuto. Um minutinho só. *(Atende.)* Alô. Oi, primo. Tudo bem, sim, e você? Claro. Tô em Inhumas. Sim, sim. Mas qual é o problema? Tá bom. Tudo bem. Imprensa? Ok, tá bom. Eu te procuro amanhã, então. Tá. Hoje? Bom, tudo bem. Tudo bem. Tchau. *(Desliga.)* Desculpa. Não vendi um coturno sequer. Minha especialidade são divórcios e contratos de locação. *(O celular toca novamente.)* Sim. Hein? *(Pausa.)* Hein? *(Simulando a queda da ligação.)* Olha, eu não tô te ouvindo muito bem. *(Desliga. Pausa. O celular volta a tocar.)* Oi. Que cliente, amigo? Que CPI, amigo, do que que você tá falando? *(Simulando novamente a queda da ligação.)* Olha, eu não tô te ouvindo bem, ok? Depois a gente se fala. *(Desliga. Telefona para João Gustavo.)* Que porra é essa, Gustavo? O que que esse cara fez que tá todo mundo atrás dele?

**João Gustavo** Vem pra cá que eu te explico.

*Pausa. Wlicio chega.*

**Wlicio** Que porra é essa, Gustavo? A imprensa tá toda atrás de mim, todo mundo perguntando se eu confirmo o que o meu cliente disse na entrevista. Que entrevista, porra? O que que ele viu na casa do *lobby*, o que que ele vai dizer na CPI. A imprensa inteira, Gustavo, todo mundo com a mesma pergunta, “Seu cliente vai confirmar tudo na CPI?”

**João Gustavo** Senta aí, Wlicio, eu vou te explicar.

**Wlicio** *(interrompendo)* Antes de qualquer coisa, eu quero ver essa matéria. *(Alguém lhe entrega o jornal. Enquanto cantam no karaokê, ele lê. Ao terminar, se dirige a Francenildo.)* Moooooço. Você tá desmentindo o ministro. Mas ele disse que nunca foi à casa.

**Nildo** Ele tá mentindo.

**Wlício** Mooooooço.

**Nildo** Umas dez ou vinte vezes. E tem mais: eu vi o Chagas entregando um envelope fechado pro secretário do ministro no estacionamento do ministério da Fazenda.

**Wlício** Envelope de quê?

**Nildo** Eu acho que era dinheiro.

**Wlício** *(após uma pausa)* Você tem noção do que você fez? Tem noção do que você tá envolvido? *(Apontando para o jornal, enquanto Nildo assente com a cabeça.)* Teve isso, Nildo? *(Pausa.)* E isso, teve? *(Pausa.)* Teve isso aqui também?

**Nildo** Sim.

**Wlício** Olha, juridicamente isso não vai dar em nada. Mas, politicamente, é uma bomba. Se prepara porque você acabou de entrar numa guerra. Gustavo, por que você não me trouxe esse rapaz antes da entrevista? Se ele tivesse sido orientado, nada disso teria acontecido e a coisa não teria explodido. Isso é briga de cachorro grande.

### **Cena 8 – Uma jornalista frustrada**

**Jornalista frustrada** Se eu desconfio dele? Desconfiar, não. Tenho curiosidade. Não sei se aquela história do dinheiro ficou bem explicada. De toda maneira, eu já disse tudo, essa história já ficou pra trás. *(Helena se serve de café. Ela põe açúcar compulsivamente até que o café se torne uma pasta, e bebe ao longo da fala.)* No dia em que saiu a entrevista, eu deixei uma equipe de reportagem entrar na minha casa pra fotografar. Numa dessas, alguém deve ter dito que o caseiro estava querendo comprar uma casa. Mandeí fazer a matéria na minha redação, algo do tipo, “Colegas do caseiro afirmam que ele vai comprar uma casa”. Mandeí pro Rio, e eles não quiseram dar. É decisão editorial do jornal, não faço reparos. Não quiseram publicar porque consideraram que era um relato inconsistente, irresponsável, que só espalhava rumores. Naquela tarde, fui ao Congresso e encontrei o líder do governo no café do Senado, era

um senador do Acre. Eu disse pra ele, “Olha, parece que tem uma informação de que o rapaz recebeu um dinheiro, e a gente tá indo atrás disso. Você sabe de alguma coisa?” É troca de chumbo, entende? Você dá informação pra receber informação. Imagina, eu tinha sido furada na minha própria rua!

### **Cena 9 – O assessor**

**Alencastro** Quando eu sou chamado pra assessorar um senador, abro mão da minha posição funcional e viro partidário. Sou do partido do governo, sou do partido da oposição. Quem faz a CPI são funcionários como eu. Chamamos gente do Banco Central, da Receita, formamos uma força tarefa e damos a linha mestra. As perguntas são entregues aos senadores na véspera, à noite. Repassamos com eles as questões, dizemos por onde seguir e por onde não entrar. Eles não têm tempo pra investigar e, francamente, nem sempre têm capacidade. Nós fazemos o trabalho sujo. Quando a Justiça permite, passamos dias analisando extratos, e aí damos de cara, por exemplo, com um gasto de 20 mil reais numa joalheria. O bom assessor não hesita: liga pra mulher do suspeito e pergunta se ela ganhou uma joia. Ah, não? Ah, ele é um safado? Ah, a senhora quer acabar com ele? Então acaba com ele aqui, com a gente. Qual era o objetivo da CPI dos Bingos? Conseguir o maior número de baixas no governo. A linha mestra era atacar o ministro da Fazenda e achar um elo entre ele e os bingos. Conseguimos. De bingo mesmo, investigamos muito pouco, só no final, pra constar. Nós é que direcionamos as perguntas pro motorista da casa. Antes do depoimento, a gente sentou com ele e perguntou, “O que é que você sabe?”. Ele falou pra gente que existia um caseiro. Então nós dissemos aos senadores: perguntem sobre o caseiro.

### **Cena 10 – No Congresso**

*Os senadores se alternam em suas falas.*

**1** Temos hoje a incumbência de ouvir o senhor... me foge o nome agora... (*Consulta papéis.*) o senhor Francenildo dos Santos Costa. Mas, antes de qualquer coisa, quero comunicar aos colegas senadores que entrei com um mandado de segurança no Supremo Tribunal Federal pra impedi-lo de falar, sob o argumento de brutal desvio de finalidade, visto que o caseiro nada tem a dizer sobre bingos. A presença do Francenildo aqui não

passa de uma manobra da oposição pra invadir a vida pessoal de um ministro. Na hora que eu me sentir conivente com a destruição de qualquer indivíduo, segundo o que lhe diz respeito puramente, eu deixo de ter condição de olhar com autonomia e liberdade para qualquer indivíduo.

**2** Não posso mais empenhar solidariedade política ao ministro da Fazenda. Não era pra ele estar aqui sendo julgado pelo senhor Francenildo. Ele rebaixou seu papel. E esse modesto homem, que nem sabe o que é cidadania, está aqui, nos dando uma aula de cidadania. Você, Francenildo, é um verdadeiro Davi, capaz de enfrentar vários Golias.

**3** Primeiro, quero dizer, senhor “Francelino”, da minha admiração pela sua coragem, meu filho. Sei dos preconceitos. Quando uma mulher entra na política, dizem que é prostituta ou lésbica. Eu acho que nós, senadores, deveríamos verificar a possibilidade de conseguir uma casa própria e um emprego definitivo pra você. Mas, agora, o que eu quero saber o seguinte: você confirma tudo o que disse?

**Nildo** Confirmo.

**3** O senhor recebeu algum dinheiro para dar esse depoimento?

**Nildo** Não.

**3** Obrigada.

**4** Francenildo, meu conterrâneo, você é um brasileiro típico. Você é a quem o presidente da República se dirige. Você comparece aqui vestido modestamente, com uma camisa discreta, uma calcinha surrada, um sapato modesto, mas seu olhar é firme e sua palavra, decidida. O destino é isso, Francenildo: de repente, você é colocado numa posição na qual você pode ser uma pessoa da maior importância pro Brasil. Mas você tem que dizer a verdade. Você veio aqui e quis falar em sessão aberta sobre as festas, as frequentadoras, os negócios escusos, heterodoxos, digamos assim, que aconteciam na casa do *lobby*. Na República de Ribeirão Preto, onde eu duvido que só se jogasse sinuca. Não era essa a modalidade principal! Gente de lotérica, gente do governo, gente da prefeitura, gente de hábitos mundanos, amiga do Cachoeira. Não tinha? O ministro

da Fazenda já foi publicamente desmentido. Mas mentiu por quê? O que isso quer dizer para nós? Por que ir a uma simples casa no Lago Sul pode ser tão comprometedor. Simples não, porque eu soube que era uma casa bem incrementada. O ministro se diz vítima de manobras de adversários, então eu quero fazer essa pergunta aqui pra ele, olhando nos olhos dele. Existem denúncias que reiteram a acusação de que o ministro recebeu propina de 50 mil reais por mês de uma empresa de Ribeirão Preto, na época em que era prefeito. Quem é o denunciante? Um antigo comparsa, um antigo companheiro, hoje desafeto seu. Eu me pergunto: é esse o esteio da estabilidade econômica do país? É esse o herdeiro presumido do presidente? Há algo de podre na República de Ribeirão. E o Brasil quer saber o quê, Francenildo. À mulher de César não basta ser honesta, ela deve parecer honesta. Então pergunto: o senhor presenciou alguma partilha de dinheiro na mansão? O senhor carregou malas de dinheiro? O senhor manchou suas mãos calejadas, de trabalhador, com a sujeira do lobby de Ribeirão Preto? Diga tudo, Francenildo! Diga tudo! Não esconda nada!

**5** Esse cidadão, que eu nunca vi, nem sabe o jogo em que ele está se metendo. Isso aqui parece mitologia grega, onde os deuses brincam com os mortais. Meu colega senador disse que, se o cidadão falar, o ministro cai. O que esse... como é?... *(Consulta papéis.)* o que esse Francenildo disser, eu vou escutar. Mas quero também escutar o ministro.

**6** “Lino”, meu filho, destruir a reputação de pessoas com declarações infundadas é uma questão muito séria. É preciso fazer uma reflexão muito profunda sobre a ética da comunicação. Eu acabei de receber aqui, caros senadores, a liminar do STF acatando o mandado do líder do governo no Senado, e gostaria de lê-la para os senhores. *(Lê.)* “A referida entrevista a um veículo de imprensa demonstra ser o caseiro uma pessoa simples, que se propõe a fazer afirmações constrangedoras sobre a vida íntima de quadros ligados ao governo. De resto, Francenildo dos Santos Costa não pode compreender a natureza do dinheiro que supostamente circulava dentro da casa. É o que se presume à condição cultural e ao próprio trabalho que a testemunha desempenharia no local apontado.”

**7** Quem impetrou o mandado foi o governo dos trabalhadores? Quem diria, hein? Quem diria. Eu vou solicitar à Polícia Federal que dê garantia de vida ao senhor Francenildo. É essencial que nós exijamos garantia de vida ao senhor Francenildo Costa, que eu

imagino potencialmente ameaçado, porque seu depoimento está causando celeuma. Pedirei também a demissão do senhor ministro da Fazenda, que não tem mais condições de ser ministro porque temeu as palavras de um jovem que mal pode balbuciar suas frases.

**8** Não feri o manto constitucional!

**9** Quero deixar claro que não fui contra a vinda do senhor... do senhor... do senhor Francenildo dos Santos Costa a esta Comissão. Mas acredito que esse rapaz visitou gabinetes da oposição. Ele provavelmente esteve aqui muitas vezes, e não apenas uma, decerto para pedir dinheiro. Eu exijo, portanto, que nos sejam entregues as fitas das câmeras de segurança do Senado.

**10** Vai arrombar a porta aberta, senador?

**11** “Francelino”, o senhor não é homem de medir as palavras. Conta com uma sinceridade espantosa tudo que viu na mansão e não foge às perguntas. Os meus colegas te apertaram para ver se você caía em contradição. Não caiu. Para ver se você vacilava. Não vacilou. O senhor é grande, “Francelino”. Acho que temos que ter a coragem de votar por unanimidade uma comenda a vossa senhoria, senhor “Francelino”, que é, sim, um verdadeiro cidadão brasileiro.

**Nildo** *(para a plateia)* Aquele foi o pior momento. Ninguém sabia quem eu era, e ninguém se importava. Era um pessoal querendo me comprar pra eu mentir de um lado, pra mentir do outro, achando que eu era uma prostituta. Todo mundo me dando cartão, dizendo, “Se precisar de alguma coisa, é só ligar.” Trouxeram uns salgadinhos mixurucas. Um intermediário apareceu pra avisar que o pessoal do governo estava querendo tomar um café. “Nada objetivo, querem só trocar umas ideias.” O Wlício depois me disse que eles falaram em um milhão de reais, mais uma casa, pra eu negar tudo. “O dinheiro é bom”, ele falou, “você arranja a tua vida e eu fico com a metade. Mas o dinheiro também é ruim: você vai complicar teu futuro e mais na frente vão te desmascarar. Eu até posso explicar se aparecer algum dinheiro na minha conta, mas e você? No teu lugar, eu não aceitaria.” O Wlício deixou claro que a decisão era minha,

mas eu senti que ele tava na dúvida. Quando o telefone tocou, eu mesmo atendi e dei a resposta, “Não tem café, nem almoço, nem janta.”

### **Cena 11 – O programa**

**Delegado Damázio** Você vai ser incluído no programa. É só você que quer proteção, ou também a tua família?

**Nildo** Eu e meu filho.

**Delegado** Ok. Então vamos lá na tua casa pra você pegar umas roupas e perguntar se a tua mulher também quer entrar no programa.

**Nildo** Às cinco eu tenho que estar no escritório, o Wlicio marcou uma coletiva sobre a decisão do Supremo.

**Delegado** Não. Depois que você entra no programa, não pode mais falar com ninguém. Vocês vão ter que cancelar. Francenildo, você vai em casa, pega uma roupa e a gente se fala mais tarde. Preciso dos teus documentos. *(Francenildo entrega alguns documentos.)* Tudo. *(Francenildo entrega mais.)* Celular e chaves também. *(Francenildo esvazia os bolsos. Toca um celular.)*

**Nildo** Meu telefone está tocando.

**Delegado** Não é o teu, não. *(Pausa.)* Você tem direito a um único telefonema. Quer ligar pra quem?

**Nildo** Pra minha mãe.

**Delegado** Ok. Toma, assina isso aqui pra mim. *(Entrega alguns papeis a Nildo. Alguém chega e cochicha algo para o delegado. Ele telefona para Wlicio.)* Doutor, que história é essa de dizer pra imprensa que a PF sequestrou o seu cliente?



**Wlício** Doutor, eu não usei a palavra “sequestrar”. A minha reclamação é que, desde as duas da tarde, estou tentando falar com o Nildo e não consigo.

**Delegado** Você pode falar com ele quando quiser, mas agora o telefone dele é o da Polícia Federal, o endereço dele é o da Polícia Federal. São as normas do programa. *(Passando o telefone para Nildo.)* Teu advogado.

**Wlício** Nildo, tá tudo bem?

**Nildo** Está, está.

**Wlício** Nildo, vão te levar pra uma casa. Você vai dividir o quarto com alguém. Não vai fazer perguntas a ele, nem ele a você.

**Nildo** Tá bom.

**Wlício** Tchau, Nildo, fica com Deus. *(Pausa.)* Puta que o pariu! Nem no Congo eu fiz tanta cagada! Como é que eu estou defendendo uma pessoa contra o governo e deixo ela na mão do próprio governo?

**Nildo** *(para a plateia)* Eu disse pra minha mãe que tava tudo bem. Ela atendeu chorando. Disse que eu tinha aparecido em todos os jornais. Falaram pra minha avó que eu só voltava pro Piauí enterrado. Ela passou mal e desmaiou. Naquela noite, eu cheguei no abrigo cansado, cansado, mas dormir em chão que eu não conheço, no meio do mato, cheio de gato, não durmo, não. Botei uma tábua por cima de duas caixas, joguei um colchonete e fechei os olhos. Quando o sono batia, eu sentava. Tinha medo de dormir, não queria sonhar. Passei a noite deitando e sentando, deitando e sentando. Então pensei, “Não matei, não sou bandido, não tenho que estar aqui. Vou embora.” Eu disse a um guarda que queria voltar pra casa. Quando vi o Wlício, pensei que era Deus.

## **Cena 12 – O pai (2)**

**Jornalista frustrada** *(pelo telefone)* Ô, Wlício, vem cá: que dinheiro é esse na conta do teu cliente?

*Alguém canta no karaokê.*

**Wlício** *(para a plateia)* Eu senti como se fosse uma facada. A mulher começou a ler pra mim depósito por depósito. 10 mil num mês, quase 10 mil no outro, 5 mil no seguinte. E eu ali, feito um babaca, sem saber o que dizer. Porra, eu tinha pegado o caso de graça e agora isso? O cara tava levando grana? Ela foi listando e eu ia anotando num bloquinho. Agência 0674, Lago Sul. 2 de janeiro, saldo de 224 reais. 6 de janeiro, depósito de 10.000. Extrato, 20 horas, 58 minutos, 21 segundos. *(No telefone.)* Olha, eu não tenho ideia do que é isso. Mas uma coisa eu te garanto: se tiver sacanagem, eu vou ser o primeiro a por a boca no trombone. *(Desliga.)* Puta que o pariu. Depois de tanta aventura, depois do Congo, onde é que eu fui me meter? Ou vão dizer que eu sou idiota, ou que eu sou bandido, que estou metido em maracutaia. *(Telefona para Nildo.)* Nildo, que caralho de dinheiro é esse na tua conta, meu irmão? Eu não tô te cobrando nada e você me apronta uma dessas?

**Nildo** *(para a plateia)* Quando eu ouvi a voz do Wlício, pensei, “Agora a minha vida acabou. Quem estava do meu lado vai embora.” Ele ligou já metendo o pé na goela. Foi duro, era voz de briga, os termos eram feios. *(No telefone.)* Wlício, eu vou te explicar. É o seguinte, cinco meses atrás, eu fui pra Teresina com uma coisa na cabeça: falar com o meu pai e pedir pra ele me registrar como filho.

**Wlício** Por quê?

**Nildo** Porque eu tenho um pai, ué! Fiquei lá quinze dias. No domingo, fui até a garagem da Soares, a empresa de ônibus do meu pai. Eu sabia, me disseram que ele gostava de passar o domingo trabalhando. A sala dele estava aberta e eu entrei.

**Eurípedes** É reclamação?

**Nildo** Não tá me reconhecendo, não? Sou o filho da Benta, sou teu filho, o Francenildo.

**Eurípedes** O que você veio fazer aqui?

**Nildo** Você sabe o que eu vim fazer aqui.

*Eurípedes, agitado, começa a gritar.*

**Eurípedes** Você quer uma ajuda?

**Nildo** Não. Eu quero um registro.

**Eurípedes** Calma, senta aí. Vamos conversar.

**Nildo** (*interrompendo*) Senão vou entrar com uma ação de paternidade.

**Eurípedes** Eu tenho uma proposta. Calma. Te dou um dinheiro pra você dar um jeito na sua vida e você volta daqui a um ano. É o tempo que eu preciso pra acertar a minha vida aqui. Tenho família, esposa, filho, o assunto é delicado.

**Nildo** Um dinheiro, quanto? (*No telefone.*) Ele me adiantou 10 mil. Me entregou os bolos, pediu pra eu contar na frente dele e me levou no banco pra fazer o depósito. Depois a gente almoçou junto. Vê só: depois de tanto tempo, bem mais tarde, eu voltei lá no meu pai, insisti, quis entender ele e que ele me entendesse. Aí conversamos, ele me levou pra almoçar e chegou a me dar a mão. Fiquei sentindo uma coisa boa, assim, de que eu tinha pai. Eu estava feliz porque ele disse, “No dia que você voltar aqui no Piauí, na casa da tua mãe, você vem aqui na garagem, vem me visitar.” Isso me deixou meio alegre. A única coisa que ele pediu foi pra eu não falar do dinheiro antes dele acertar as coisas com a família.

**Wlício** (*anotando*) Expresso Soares. Teresina. Eurípedes Soares. Código 86. Você tem os extratos?

**Nildo** Tenho.

**Wlício** Você tirou o extrato ontem na PF?

**Nildo** Não.

**Wlício** Você autorizou alguém a tirar o extrato pra você?

**Nildo** Não.

**Wlício** Nildo, separa todos os depósitos que eu tô indo aí te buscar. Acho que acabamos de ser salvos pelo gongo. *(Telefona para a jornalista frustrada.)* Helena, como é que vai? É o seguinte, você podia confirmar tudo e não publicar a história, eu te dou o telefone do Eurípedes. É coisa pessoal, ninguém vai levar em conta. Só vão falar que ele tem dinheiro e vai ficar ruim pra ele. *(Pausa.)* Ah, e não foi o Nildo que tirou o extrato.

### **Cena 13 – A oração**

**O Especialista** *fala um trecho de O Príncipe, de Maquiavel, para a plateia.*

**Nildo** *(para a plateia)* Ela publicou a notícia. Descobriram onde eu morava. Me chamaram de mau-caráter, de bastardo. Foram falar com os vizinhos, mostraram a minha casa, disseram quanto eu pagava de aluguel. Que eu tava como o nome sujo no SPC. Eu comecei a ter medo de ser assaltado no meu próprio bairro. Pior, que pegassem o meu menino. Um dia eu fui até o mercadinho e ouvi alguém dizer, “Esse cabra aí tá com muito dinheiro na conta, é o caseiro do ministro.” A Noelma foi até a delegacia pedir ajuda e o delegado disse que não podia fazer nada, pra gente sair do lote até a poeira baixar, que o negócio era perigoso. Ela parou de falar comigo. Eu sabia que tinha rompido o trato com meu pai. Foi quando eu senti que não tinha valor. Tive vontade de largar tudo. Pensei em duas coisas: fazer eu mesmo, com uma faca ou uma corda, ou me atirar embaixo de um carro. Aí pensei no Thiago. Eu cresci sem pai e não ia fazer a mesma coisa com ele. O menino me salvou. *(Para Wlício, em pânico, forçando-o a feri-lo com uma faca.)* Eu não vou me perdoar se minha vó morrer, Wlício, não vou me perdoar. Ela fica em estado de choque toda vez que me vê. Ninguém acredita em mim, minha vó tá passando mal. Até o presidente falou ontem que eu era um simples caseiro.

**Wlício** Isso é tudo o que eles queriam, Nildo. Nildo, não é hora de entregar os pontos.

*Após alguns instantes de luta, os dois começam a rezar aos berros, ainda em confronto.*

## Cena 14 – A entrevista coletiva

**Wlício** Boa tarde. Em primeiro lugar, nós não vamos responder a nada antes de explicar a origem do dinheiro. (*O Especialista fala mais um trecho de O Príncipe para a plateia.*) Está ok? Está claro? Então, antes de abrir, eu tenho uma pergunta pra vocês: gostaria de saber quem retirou o extrato do meu cliente, já que ontem, às 20 horas, 58 minutos e 21 segundos ele se encontrava em poder da Polícia Federal, no Programa de Proteção à Testemunha.

*Música de karaokê.*

**Repórter** Você está acusando a Polícia Federal de ter violado o sigilo bancário do seu cliente?

**Wlício** Não. Estou apenas dizendo que ele não retirou esse extrato. E que, portanto, o sigilo dele foi violado.

## TERCEIRO ATO

### Cena 15 – O delegado Damázio

**Delegado Damázio** (*para a plateia*) Antes da gente começar, me diz uma coisa: aquela história do dinheiro que apareceu na conta dele ficou muito mal explicada, não? (*Pausa.*) Ah, então está resolvido. É que não acompanhei as diligências. Mas vamos lá: o que você quer saber? (*Pausa.*) Bom, o programa de proteção foi criado pra salvaguardar a vida de pessoas em situação-limite. Fazia sentido incluir o Francenildo num programa tão extremo? Isso cabe à CPI responder. Veja, ele estava derrubando o sucessor direto do presidente da República, alguém podia achar que de fato havia algum risco. Não quero que você ponha palavras na minha boca. Então deixa eu dizer. Na qualidade de autoridade administrativa responsável pela execução da medida assecuratória da testemunha, não me compete avaliar se seria o caso de incluir ou não uma pessoa no programa. Compreendeu? Afinal, o sujeito já falou tudo o que tinha pra falar.

**Wlício** Delegado, eu quero saber em que condição o meu cliente vai ser ouvido aqui hoje: na de vítima ou de acusado?

**Delegado** Nem de vítima, nem de acusado, mas de investigado.

**Wlício** *(para a plateia)* O que é a mesma coisa que indiciado, só muda a palavra. *(Para o delegado.)* Qual é o crime?

**Delegado** Lavagem de dinheiro.

**Wlício** Procede, delegado. A mãe dele é lavadeira. Delegado, eu sei que o senhor conhece o Código Penal e no fundo acha essa denúncia absurda. Lavagem de dinheiro pressupõe crime antecedente, e o senhor está diante de um caseiro desempregado, com 25 mil reais na conta.

**Delegado** Wlício, quando o depoimento acabar, sugiro que vocês saiam pelos fundos, pra evitar o constrangimento da imprensa.

**Wlício** Nada disso. Pelos fundos, coisíssima nenhuma. Nós vamos sair pela porta da frente. Se a gente está sendo indiciado por lavagem de dinheiro, é preciso dizer alguma coisa.

**Nildo** *(em meio à confusão de repórteres)* Eu peço àqueles que quebraram o meu sigilo bancário que quebrem também o meu sigilo eleitoral. Aí vão ver que o simples caseiro votou no operário, que agora está lá em cima.

**Repórter** Você não acha que vender tua paternidade é um ato imoral?

## **Cena 16 – Wlício**

**Wlício** Você sabe como é a burocracia, o cara tem que fazer de cafezinho a Boeing. A ordem vem quicando, quicando, do alto de uma escada, desce toda a hierarquia, de degrau em degrau, até cair no seu colo. Tem muita coisa que ainda não ficou clara nessa

história. Você sabe quanto tempo a comunicação do banco levou pra cumprir todo esse percurso? Menos de 24 horas. Num processo que geralmente leva de sessenta a noventa dias, no mínimo. O relatório final não resolve o mistério. O inquérito esclarece que, duas horas antes do Francenildo entregar os documentos na CPI e doze horas antes da quebra do sigilo, os dados fiscais e tributários dele foram acessados pela Receita. O ministro negou que tenha mostrado os extratos. Negou também que deu a ordem pra quebrar o sigilo. Nenhum investigado desmentiu. Mas o Coaf não faz investigação aleatória! Aí vira o advogado de defesa e diz que, ah!, que acha muito estranho, que é muito estranho isso do sigilo ser quebrado meia hora depois do Nildo entregar o cartão de crédito pro delegado da PF. O que eu sei é que o relatório final do Damázio exime totalmente o Francenildo de qualquer crime, ele ficou inteiramente convencido da inocência dele. Agora, muito honestamente, 35 mil reais é quase uma piada de mau gosto. Eu entrei com uma ação de 50 mil salários mínimos. Pra mim é mau negócio. Mas eu tenho que pensar no Francenildo. Na situação dele, 35 mil reais faz diferença. Nesse caso eu nem ficaria com a metade. É ele que tem que decidir. O cara teve uma chance, ele já perdeu essa chance, de se aproximar do pai. Porque isso aí não era só ele que queria. É o filho, que de vez em quando pergunta, “Ah, você já falou com seu pai no dia dos pais?” Foi isso aí que ficou chato, isso que doeu. Mas, fazer o quê? A verdade é que nós estávamos perdidos, porque tudo aquilo era muito novo pra gente. Você imagina o que teria acontecido se o Nildo não tivesse saído do programa de proteção? A notícia dos extratos saiu na sexta. Seria, no mínimo, um fim de semana inteiro sem explicação. Sexta, sábado, domingo, segunda. 1 a 0, 2 a 0, 3 a 0, 4 a 0 pro ministro. Quatro dias é muita coisa. Para explicar tudo depois, seria bem mais difícil. Por isso eles cometeram esse erro: pressa. Se tivessem esperado até segunda, não tinha crime nenhum. O que é o normal numa situação dessas? O banco vai lá, informa o Banco Central sobre a movimentação atípica, o BC repassa a informação pro Coaf e o Coaf expede um ofício pedindo a quebra de sigilo. Foi soberba. Eles não quiseram esperar um fim de semana. E, na cabeça de quem fez isso, o Francenildo estava incomunicável, sob tutela da polícia. Um processo desses pode se arrastar por dez anos, então eu sigo advogando e fazendo meus negócios. Estou tentando trazer pro Brasil um método dinamarquês de construção de lajes chamado BubbleDeck. Não descarto voltar ao Congo.

## Epílogo

**Músico** Mas, é, o negócio de Cajuína, que é uma música que eu gosto imensamente, eu fiz, foi o seguinte, eu, o meu amigo Torquato Neto, que era meu parceiro no período da Tropicália, ele morreu em 72, ele se matou nessa altura. E era um amigo muito querido e, mas eu fiquei, ele não tava muito próximo, na época que ele morreu eu não tava vendo ele quase. Mas passaram-se muitos anos e eu conhecia o pai dele e tal, mas eu fui a Teresina algumas vezes e uma vez, já depois de muito tempo passado, encontrei o pai dele e saímos juntos, eu e o pai dele, e quase que o pai dele não falava nada, me levou na casa deles, a mãe dele estava hospitalizada, porque tinha feito uma operação e ficamos conversando, eu e o pai dele, muito poucas palavras, ele serviu uma cajuína e eu ficava, eu tava chorando muito, eu chorei o dia, eu chorava convulsivamente, e ele me consolava, o pai de Torquato me consolava, acho que eles são espíritas, os pais dele. Então ele me consolava, eu chorava muito e ele me consolava, e uma hora ele me deixou com uma cajuína na sala, aquela casa, só eu e ele, ele foi lá fora e voltou com uma rosa menina na mão, uma, que, do pé de rosa menina que tinha no jardim, e me entregou. Por isso que eu fiz essa música.

*Ele canta a música no karaokê. Em cena, projeta-se: “No dia 27 de março de 2006, onze dias depois da quebra do sigilo bancário de Francenildo e duas semanas depois de sua entrevista ao jornal, o ministro da Fazenda pediu demissão.” “Quando o caso completou um ano, um empresário de São Paulo leu uma reportagem que contava a situação do caseiro.” “Procurou Wlicio e se dispôs a pagar os estudos do rapaz.” “Francenildo limpa piscinas dois dias por semana.” “Não acha emprego fixo em Brasília desde 2006.” Simultaneamente, Francenildo come, com calma, um lanche do Giraffas.*

**FIM**